

Bell Hooks: memórias de uma educadora-aprendiz da liberdade

*Bell Hooks: Memoirs of an Apprentice-educator of Liberty
[RECC 02]*

Bell Hooks: Memorias de un educadora-aprendiz de libertad

Ivanilde Apoluceno de Oliveira
Universidade do Estado do Pará
nildeapoluceno@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-3458-584X>

Teresa Christina da Cruz Bezerra
Universidade do Estado do Pará
tccbezerra@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7494-0239>

Thaís Tavares Nogueira
Universidade do Estado do Pará
thaistnogueira31@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9610-0679>

RESUMO

O objetivo deste artigo é, por meio de pesquisa bibliográfica, percorrer algumas das experiências escolares e acadêmicas que denunciam a dominação no espaço educacional estadunidense e anunciam os pilares da pedagogia engajada da professora, escritora e ativista negra bell hooks, tendo por base suas memórias autobiográficas contidas nos livros sobre educação de sua autoria. A partir de suas experiências de vida, buscou construir uma proposta política pedagógica fundamentada no diálogo, no pensamento crítico feminista negro, na educação democrática e na integração teoria e práxis. Narrativas pessoais que vão dando forma à sua teoria e de onde emerge com uma força amorosa e esperançosa, típica dos processos de cura que cicatrizam a alma.

Palavras-chave: bell hooks¹. pedagogia engajada. pedagogia crítica. pedagogia feminista. educação libertadora.

ABSTRACT

The objective of this article through bibliographic research is to go through some of the school and academic experiences that denounce domination in the American educational space and announce the pillars of the engaged pedagogy of the black teacher, writer and activist bell

¹ Por orientação da própria autora neste artigo será utilizado o nome de bell hooks em letra minúscula.

hooks, based on her autobiographical memories contained in books on early childhood education. its authorship. Based on her life experiences, she sought to build a proposal for a pedagogical policy based on dialogue, on black feminist critical thinking, on democratic education and on the integration of theory and praxis. Personal narratives that shape his theory and from which he emerges with a loving and hopeful force typical of healing processes that scar the soul.

Keywords: *bell hooks. engaged pedagogy. critical pedagogy. feminist pedagogy. liberating education.*

RESUMEN

El propósito de este artículo, a través de la investigación bibliográfica, es revisar algunas de las experiencias escolares y académicas que denuncian la dominación en el espacio educativo estadounidense y presentar los pilares de la pedagogía comprometida de la maestra, escritora y activista negra bell hooks, a partir de sus memorias autobiográficas. en sus libros sobre educación. Desde sus experiencias de vida buscó construir una propuesta de política pedagógica basada en el diálogo, el pensamiento crítico feminista negro, la educación democrática y la integración de la teoría y la praxis. Historias personales que dan forma a su teoría y de las que emerge con una fuerza amorosa y esperanzadora propia de los procesos de sanación que cicatrizan el alma.

Palabras clave: *bell hooks. pedagogía comprometida. pedagogía crítica. pedagogía feminista. educación liberadora.*

Introdução

bell hooks foi uma pensadora, professora, escritora, feminista e ativista negra estadunidense, nascida em Hopkinsville, ao sul dos Estados Unidos da América em 25 de setembro de 1952 e batizada com o nome de Gloria Jean Watkins. De família humilde e numerosa, inventou seu destino numa época em que o pensamento racista e sexista silenciava, adulterava e exterminava vozes e corpos negros femininos. Para si escolheu um nome, bell hooks, inspirado em sua bisavó materna Bell Blair Hooks; pseudônimo grafado pela própria autora com letras minúsculas de forma a evidenciar seus escritos e legado, além de valorizar a coletividade evitando o personalismo (HOOKS, 2020, 2021; COSTA, 2021).

Estudante, filha de uma servente escolar e de um restaurador de livros, bell hooks frequentou, durante a infância, escolas públicas em um momento em que a educação era segregada racialmente (HOOKS, 2021). No ambiente familiar, obteve as bases para a vida em comunidade e a noção sobre o significado e a importância da educação. Sobre a influência dos pais em sua trajetória pessoal e profissional comenta:

Modestos e humildes, Rosa Bell e Veodis, mamãe e papai, afirmaram que meu sucesso é reflexo de minha habilidade, e não de seu investimento. Isso não é verdade. O apoio que me deram na educação causou uma impressão poderosa em mim (HOOKS, 2021, p. 194).

Em 1973, concluiu a licenciatura em Letras na Universidade de Stanford e três anos depois fez o mestrado pela Universidade de Wisconsin-Madison. Mais tarde, em 1981, terminou o doutorado na Universidade da Califórnia, pesquisando sobre a literatura da escritora Toni Morrison. Sua carreira na educação foi intensa: lecionou nas universidades de Yale, do Sul da Califórnia e New School, em Nova York. Ensinou estudos étnicos, estudos afro-estadunidenses e estudos feministas. Em 2014, fundou o Bell Hooks Institute (HOOKS, 2020, 2021). Faleceu em 15 de dezembro de 2021, aos 69 anos, em Berea no Estado do Kentucky.

Autora de livros importantes para o movimento antirracista e feminista, enveredou por um caminho diverso da teoria feminista e da crítica cultural, quando em 1994, lançou nos EUA, o primeiro livro sobre educação – “Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom”, publicado no Brasil em 2013, com o título “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”. Seguidamente foram publicados no Brasil – “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” (2020) e “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança” (2021), completando sua trilogia sobre educação. Composto por ensaios escritos em primeira pessoa e com íntima vinculação à sua autobiografia (OLIVEIRA, et al 2021), os livros reúnem as experiências da autora como aluna e como docente, conformando um relato humanizado e revelador da complexidade da práxis pedagógica. Narrativas pessoais que vão dando forma à sua teoria e de onde emerge com uma força amorosa e esperançosa, típica dos processos de cura que cicatrizam a alma.

À medida que mergulha em suas memórias, hooks (2017) põe em diálogo suas experiências de vida e teorias estudadas, num esforço permanente de ressignificação e reinvenção da vida, ou seja, acena para a criação de uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados e o determinismo não sirva à perpetuação das estruturas de dominação existentes.

As práticas pedagógicas da autora nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista. A sua prática docente e sua pedagogia engajada tem forte influência do educador brasileiro Paulo Freire, segundo afiança a própria educadora:

[...] quero afirmar mais uma vez que foi a interseção do pensamento de Paulo com a pedagogia vivida dos muitos professores negros da minha meninice (mulheres em sua maioria) – que se viam cumprindo a missão libertadora de nos educar de maneira a nos preparar para resistir eficazmente ao racismo e à supremacia branca – que teve profundo impacto sobre o meu pensamento a respeito da arte e da prática de ensinar (HOOKS, 2017, p. 74).

Teceu críticas contundentes ao contexto educacional estadunidense, reconhecendo que as diferenças de classe são ignoradas na sala de aula a pretexto de que se trata de uma zona livre onde o desejo de estudar e aprender torna todos iguais, sugerindo que todos estão igualmente empenhados no avanço social (HOOKS, 2017). Apostou na criação e emprego de estratégias pedagógicas capazes de romper com a ordem estabelecida, inaugurando modos de aprender desafiadores da hegemonia burguesa. De acordo com a autora:

não pode haver intervenção que desafie o status quo se não estivermos dispostos a questionar o modo como não só nosso processo pedagógico, mas também nossa autoapresentação costumam ser moldados pelas normas da classe média (HOOKS, 2017, p. 245).

bell hooks mostra, ainda, um forte desapego de si mesma como acadêmica ou professora universitária, o que amplia sua disposição ao questionamento do seu papel como educadora e a aceitação de críticas a sua pedagogia feitas por discentes, docentes e outras pessoas, assumindo uma postura dialógica, ética e amorosa. Os seus escritos sobre educação são um convite à renovação das práticas de ensino, um transpor fronteiras para conhecer o que está além dos limites do aceitável, para pensar e repensar um ensino que permita transgressões (HOOKS, 2017).

Ela defende o diálogo como “o espaço central da pedagogia para o educador democrático” (HOOKS, 2021, p. 93), a experiência como possibilitadora da compreensão do material acadêmico – integração teoria e práxis, a educação progressiva e holística com ênfase ao bem-estar – pedagogia engajada, e a partilha de experiências e narrativas confessionais em sala de aula como condição para o estabelecimento do compromisso comunitário com o aprendizado – comunidade pedagógica (HOOKS, 2017, 2020, 2021). Notadamente em sua obra, o trabalho docente implica participação no crescimento intelectual e espiritual de alunos e alunas e o aprendizado nunca está confinado apenas à sala de aula institucionalizada sendo um elemento permanente da experiência de mundo e da vida real (hooks, 2017; hooks, 2021). Nesse trajeto de luta e transformação, como reflexão, questiona-se: como a dor vivenciada no sistema educacional estadunidense a impulsionou na luta por uma educação humanizadora? Como manteve a esperança na capacidade transformadora da educação?

O objetivo deste texto é, por meio de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, percorrer algumas experiências escolares e acadêmicas contidas na trilogia sobre educação escrita por bell hooks, cujas memórias autobiográficas denunciam a dominação no espaço educacional estadunidense e anunciam os pilares da pedagogia engajada da autora,

O artigo está estruturado em 04 seções: a introdução em que se apresenta o objetivo do estudo; “da segregação à integração racial: o início da vida escolar de bell hooks”, na qual se analisa o início do processo de vida escolar da autora; “A graduação na Universidade Stanford: denúncia e anúncio de práticas educativas libertadoras, por uma pedagogia feminista”, em que se debate a contribuição da autora para a construção da pedagogia feminista e antirracista. Por fim, são tecidas as considerações finais do artigo.

Da segregação à integração racial: o início da vida escolar de bell hooks

Quando comecei meu processo de educação escolar nas escolas segregadas – só para negros – do Kentucky, nos anos 1950, tive sorte de ter professores afro-estadunidenses genuinamente preocupados com que eu e os demais estudantes recebêssemos uma “boa educação”. Para aqueles professores, a “boa educação” não consistiria apenas em oferecer conhecimento e nos preparar para uma profissão: tratava-se também de uma formação que incentivaria o compromisso contínuo com justiça social, especialmente com a luta por igualdade racial. Eles acreditavam fortemente que um professor deve ser sempre humano (HOOKS, 2020, p. 23).

As memórias da infância mais celebradas por bell hooks situam-se no período inicial de sua vida escolar, quando frequentava as aulas numa escola pública segregada – só para negros, em Kentucky, no ano de 1950. Lembra que, para a comunidade negra, o lecionar era fundamentalmente político, com raízes na luta antirracista e a educação servia para a edificação da raça (HOOKS, 2017). Assim, foi apresentada a uma pedagogia de resistência e a uma escola como possibilidade, permitindo se reinventar através das ideias. Para a autora, a educação segregada moldou sua “percepção da escola como um lugar onde o desejo de saber poderia ser alimentado e crescer” (HOOKS, 2020, p. 23). Neste espaço segregado, conviveu com professores – mulheres na maioria – comprometidos politicamente e experimentou o aprendizado como revolução:

Quase todos os professores da escola Booker T. Washington eram mulheres negras. O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural – negros que usavam a “cabeça”. Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias de colonização racista. Embora não definissem nem formulassem essas práticas em termos teóricos, minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial. Nessas escolas segregadas, as crianças consideradas excepcionalmente dotadas recebiam atenção especial. As professoras trabalhavam conosco e para nós a fim de

garantir que realizássemos nosso destino intelectual e, assim, edificássemos a raça. Minhas professoras tinham uma missão (HOOKS, 2017, p. 11).

Após anos de ensino segregado, o movimento de integração racial conduz os negros às escolas brancas visando consolidar no território norte-americano uma educação dessegregada. Nesta fase, as lembranças da autora nos remetem a experiências dolorosas geradas pelo silenciamento e condicionamento dos negros num sistema educacional, que embora tentasse integrar negros e brancos, reforçava a dominação:

De repente, passamos a ter aulas com professores brancos cujas lições reforçavam os estereótipos racistas. Para as crianças negras, a educação já não tinha a ver com a prática da liberdade. Quando percebi isso, perdi o gosto pela escola (HOOKS, 2017, p. 12).

A autora expõe a contradição vivida por ela na passagem do ensino segregado ao ensino dessegregado. O confinamento segregacionista era libertador a medida que as professoras e os professores desvelavam os mitos que mantinham a realidade da estrutura dominante e educavam para a conscientização, apontando para um futuro em construção, um futuro enquanto possibilidade. Na escola frequentada exclusivamente por negros, a educação propiciava a criação, o sonho e a esperança na transformação da realidade social estadunidense. Em contrapartida, o ensino dessegregado e sua dinâmica estrutural conduzia ao assujeitamento das consciências rumo a um futuro determinado, inevitável e imutável (FREIRE, 2016).

Com a integração racial nas escolas, os negros foram obrigados a frequentar as escolas para brancos, abdicando do seu território de aprendizado para adentrar um espaço hostil, onde o esperado era a subserviência dos negros e não o desejo de aprender. Desconsiderar as emoções até o total silenciamento dos alunos negros era prática pedagógica recorrente:

Durante a profunda tristeza dos meus anos de adolescente, era frequente eu me ver em uma aula de história, no fim da tarde, chorando silenciosamente. Ao meu redor, estudantes e professor fingiam não notar. O ensino médio havia sido dessegregado recentemente. Para alcançar esse objetivo, estudantes negros eram forçados a se levantar mais cedo que de costume e ir de ônibus para a escola “branca”, onde seríamos amontoados no ginásio e obrigados a esperar que os estudantes brancos chegassem e entrassem na escola primeiro. Pela lógica da supremacia branca, era assim que se mantinha a paz (HOOKS, 2020, p. 128).

No ensino dessegregado, a paz era mantida segundo a subserviência dos negros, enquanto o conhecimento resumia-se ao repasse de informações, sem nenhuma relação com a luta antirracial. “A escola dos brancos era dessegregada; mas, nas salas de aula, na cantina e na maioria dos espaços sociais, prevalecia o apartheid” (HOOKS, 2017, p. 38). Neste contexto, os professores reforçavam os modelos de dominação e cooperavam para a manutenção do *status quo* (HOOKS, 2017). “Apesar das experiências intensamente negativas, me formei na escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta nossa capacidade de ser livres” (HOOKS, 2017, p. 13).

A tristeza, a melancolia e os pensamentos suicidas são recorrentes na adolescência da autora durante a experiência do ensino dessegregado. Ainda que chorasse durante as aulas, seu estado emocional era constantemente ignorado por seus professores que não consideravam as repercussões negativas do ensino dessegregado e das rotinas diárias de humilhação na sua subjetividade:

Ao discutir meu surto emocional, os professores devem tê-lo relacionado à minha vida doméstica. Certa vez, meu terapeuta perguntou se essa aula acontecia no último horário, logo antes da hora de voltar para casa. E, ainda assim, ninguém queria confrontar aquela situação. Melancólico, suicida, qualquer que fosse meu estado emocional, eles consideravam melhor ignorá-lo. Como eu pensava frequentemente em suicídio, imaginava a conversa que eles teriam se eu realmente me matasse. Será que alguémalaria das várias vezes em que me sentei na sala de aula visivelmente arrasada pelo sofrimento? (HOOKS, 2020, p. 129).

Independentemente das regras que pretendiam sustentar a supremacia branca e o racismo mesmo diante da dessegregação, assim como bell hooks, outros alunos negros e brancos que se consideravam progressistas estavam dispostos a transgredir as regras e empenhavam-se na construção de laços afetivos inter-raciais:

Fazíamos parte de uma panelinha inter-racial de gente inteligente que se considerava “artista” e se acreditava destinada a criar uma cultura clandestina onde viveríamos para sempre como boêmios livres; tínhamos certeza da nossa radicalidade (HOOKS, 2017, p. 39).

Desse período, a autora evidenciou a amizade que estabeleceu com Ken um menino branco, filho de pais religiosos que pela fé colocavam em prática a crença na justiça racial. Rememorou que aos 16 anos, frequentava e comia junto com os brancos na casa do amigo; ele a levava de carona quando perdia o ônibus de volta para casa no final da aula, rotina que enraivecia e perturbava a quem os via. Essa amizade suscitou na autora um compromisso

apaixonado com uma visão de transformação social fundamentada numa ideia radicalmente democrática de liberdade e justiça para todos:

Nossa amizade de colegial não se formara porque ele era branco e eu, negra, mas porque víamos a realidade do mesmo modo. A diferença racial nos obrigava a lutar para fazer valer a integridade daquele vínculo. Não tínhamos ilusões. Sabíamos que haveria obstáculos, conflito e dor. No patriarcado capitalista da supremacia branca – palavras que nunca usamos na época –, sabíamos que teríamos de pagar um preço por aquela amizade, que teríamos de ter coragem para defender nossa crença na democracia, na justiça racial, no poder transformador do amor. O valor que dávamos ao nosso vínculo era suficiente para encarar esse desafio (HOOKS, 2017, p. 40).

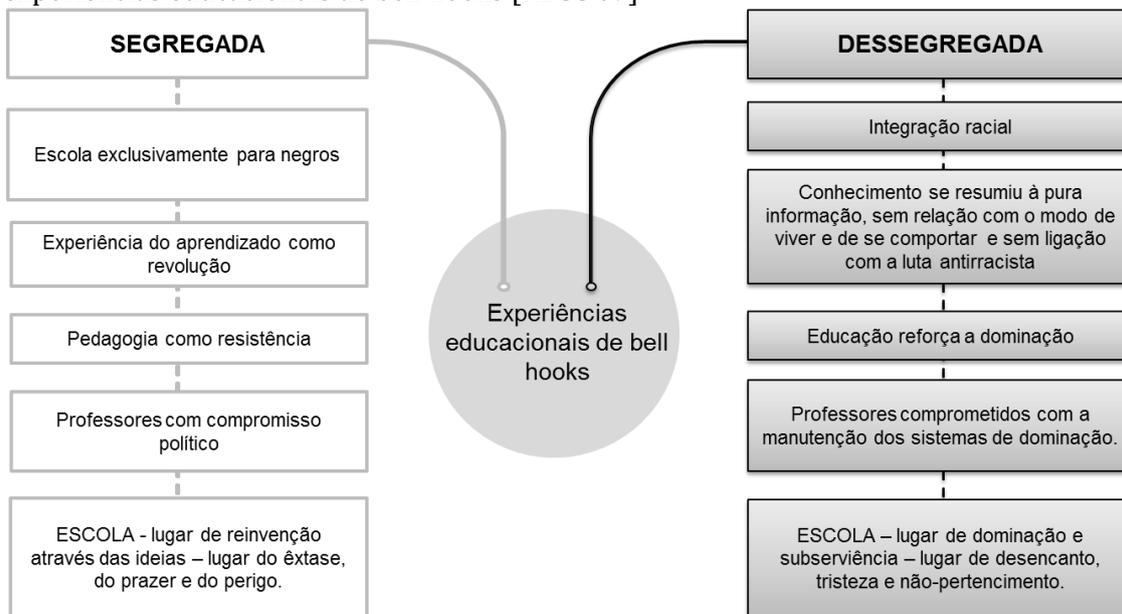
Se nas escolas segregadas, os negros estavam no centro e a luta antirracista ocupava a agenda diária de professores e alunos, nas escolas dessegregadas os negros foram colocados à margem e ensinados a crer na dominação como algo natural, seres geneticamente determinados à escravidão e incapazes de aprender: “não era nosso mundo, não era nossa escola. Não estávamos mais no centro, mas à margem, e isso doía. Foi uma época extremamente infeliz” (HOOKS, 2017, p. 38). Apesar do sofrimento e do sentimento de não-pertencimento, bell hooks esclarece que a transição do ensino segregado para o ensino dessegregado, possibilitou a compreensão “da diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação” (HOOKS, 2017, p. 12). Nesse sentido, seu encontro com as obras de Freire e sua pedagogia crítica e libertadora teve forte influência para que bell hooks não desistisse e seguisse lutando contra o racismo e o sexismo por meio da educação:

Para hooks, a tradição burguesa de educação estruturou um modelo de aprendizagem em que não apenas se valoriza a separação radical entre docente e discente, em que o primeiro fala e o segundo apenas escuta, como também foi responsável por introduzir uma perspectiva hierárquica de oposição entre mente e corpo, e, conseqüentemente, entre teoria e prática. Neste sentido, o trabalho mental e, portanto, a teoria estariam ambos acima, em termos de importância, do trabalho corporal e prático. Tal abordagem se consolidou nas salas de aula a partir da aplicação inegociável de um “sistema bancário de educação”. Perceber essas dinâmicas enquanto ainda era estudante de faculdade quase levou hooks a abandonar os estudos, o que não ocorreu justamente por ela ter encontrado em Freire o apoio intelectual necessário para continuar [...] (MARIZ, 2021, p. 66).

Ao comparar o ensino segregado ao dessegregado, a autora reconhece que no primeiro os professores tinham compromisso político com a luta antirracista, situavam a experiência do aprendizado como revolução e a escola era lugar de resistência, de luta pela criação de um mundo onde muitos outros pudessem existir, conformando a educação como

prática de liberdade. No ensino dessegregado, o espaço escolar passou a ser controlado e dominado para que a visão de mundo da supremacia branca perpetuasse; a violência sistemática imposta pelos professores brancos naturalizava a dominação e a morte, tornando a experiência escolar dolorosa para os negros, conforme descrito na figura a seguir.

Figura 1 - Características do ensino segregado e do ensino dessegregado segundo as experiências educacionais de bell hooks [RECC 09]



Fonte: Autoria própria com base na leitura de hooks (2017)

Talvez, essa transição dolorosa, tenha impulsionado a menina que desejava escrever na infância à uma carreira como docente universitária, uma forma de contribuição para a luta antirracista e de retribuição aos professores negros que a apresentaram a politicidade do ato educativo (HOOKS, 2017; FREIRE, 2020).

Mesmo ressentida com o movimento de dessegregação na adolescência pelas marcas deixadas em sua subjetividade e reconhecendo que as escolas segregadas foram, inicialmente, os lugares onde muitas pessoas negras afirmaram pela primeira vez o seu anseio por educação e onde experimentaram o aprendizado como uma experiência que constrói, aprimora e afirma a autoestima, bell hooks analisa que a segregação “simplificou” a sala de aula enquanto a integração racial exigiu a interação de múltiplas culturas e subjetividades no ambiente educacional. De acordo com a autora: “é necessário lembrar que não é a segregação que cria o contexto de aprendizado, e sim a ausência de racismo” (HOOKS, 2021, p. 140). E acrescenta:

De forma significativa, ambientes educacionais antirracistas não apenas protegem e nutrem a autoestima de todos os estudantes, mas

também os preparam para viver num mundo diverso. A fantasia da exclusão supremacista branca compete agora com a realidade da diversidade. Pessoas de cor que escolhem se autosegregar como meio de se proteger de ataques racistas não conseguem encarar essa diversidade. Para viver bem em nossa nação, elas precisam ser capazes de viver bem em diferentes ambientes. Precisam saber como manter a sanidade e a inteligência na presença da branquitude e dos ataques racistas. Se essas habilidades não forem aprendidas, não haverá possibilidade de lidar com o desafio de um mundo que ainda não é completamente antirracista, mas já é incrivelmente diverso. Não estarão bem munidas para fazer a parte delas ao desafiar e mudar o racismo (HOOKS, 2021, p. 140).

Para bell hooks os ambientes educacionais integrados racialmente oportunizam o aprendizado no contexto da diversidade, nutrindo a conscientização e o pensamento crítico quanto à diferença, acolhendo alteridades e subjetividades. Desta forma, o fazer da sala de aula um contexto democrático é romper com o pressuposto de que todos os seres humanos partilham as mesmas origens de classe e os mesmos pontos de vista; educadores e alunos têm a oportunidade de expressar seus temores e assumem a responsabilidade de contribuir e praticar não só o questionamento das ideias como também o dos hábitos de ser e nesse processo construir uma comunidade pedagógica (HOOKS, 2020, 2021).

A graduação na Universidade Stanford: denúncia e anúncio de práticas educativas libertadoras, por uma pedagogia feminista

Quando comecei o curso de graduação na Universidade Stanford, me fascinei pelo processo de me tornar uma intelectual negra insurgente. Fiquei surpresa e chocada ao assistir as aulas em que os professores não se entusiasmavam com o ato de ensinar, em que pareciam não ter a mais vaga noção de que a educação tem a ver com a prática da liberdade. Na faculdade, reforçou-se a principal lição: tínhamos de aprender a obedecer à autoridade (HOOKS, 2017, p. 13).

Embora as memórias do final do período escolar, denunciem a experiência dolorosa no ensino dessegregado, bell hooks inicia sua vida universitária acreditando na educação enquanto possibilidade, enquanto sonha se tornar uma intelectual negra insurgente. Entretanto, depara-se com uma sala de aula ritualística – permeada por rituais de controle cuja essência era a dominação, o sexismo e o exercício injusto de poder. Professores universitários sem habilidades básicas de comunicação estabeleciam relações verticalizadas e a aquisição de conhecimentos se restringia à memorização e regurgitação de informações. “A universidade e a sala de aula começaram a se parecer mais como uma prisão, um lugar de castigo e reclusão, e não de promessa e possibilidade” (HOOKS, 2017, p.

13). Reconhece no fazer dos professores a falta de entusiasmo, de diálogo, de justiça e de vontade de partilha (HOOKS, 2017). Nesse sentido, percebe que a academia nega a educação e o conhecimento como processos de busca, reduzindo a docência a um ato mecânico de depositar conteúdos (FREIRE, 2019).

A romantização do ensino superior pela autora a fez acreditar na universidade como o paraíso do aprendizado, onde estabeleceria relações democráticas que possibilitariam o transitar seguro entre alteridades para a construção do pensamento crítico. A realidade vivenciada logo a fez superar essa visão romantizada: “é certo que eu era ingênua ao imaginar, durante o ensino médio, que receberia orientação espiritual e intelectual da parte de escritores, pensadores e acadêmicos no contexto universitário” (HOOKS, 2017, p. 30).

Relembra que a maioria dos estudantes negros, inclusive ela, chegou à universidade na esteira de uma poderosa luta antirracista por direitos civis nos EUA, e sua escolha pela Universidade Stanford – uma instituição predominantemente branca – impulsionada pelas alternativas de financiamento. Em Stanford foram recebidos por professores confessadamente machistas e racistas que odiavam a ideia de se rebaixar ministrando aulas para estudantes que eles consideravam incapazes de aprender. Enquanto o mundo anunciava o surgimento de uma nova era de igualdade e de educação democrática, as velhas hierarquias de raça, classe e gênero permaneciam intactas (HOOKS, 2020). Sobre o início de sua vida acadêmica em Stanford escreveu:

Quando cheguei à faculdade, fiquei realmente abismada ao encontrar professores que pareciam ter como principal fonte de prazer na sala de aula o exercício do poder autoritário, esmagando nossos espíritos e desumanizando nossa mente e nosso corpo. Escolhi frequentar a Universidade Stanford, uma faculdade predominantemente branca (sobretudo porque as alternativas de financiamento estudantil eram melhores que as oferecidas por instituições para negros), mas em nenhum momento pensei como seria estudar com professores racistas. Mesmo tento cursado o ensino médio com professores abertamente racistas que nos desprezam e eram indelicados, eu havia romantizado a faculdade. Acreditei que seria o paraíso do aprendizado, onde estaríamos todos tão ocupados estudando que jamais teríamos tempo para as coisas mesquinhas deste mundo, muito menos para o racismo (HOOKS, 2020, p. 24).

À medida que avançava na vida acadêmica, percebeu que os valores burgueses determinavam o comportamento social na sala de aula, arruinando toda possibilidade de diálogo construtivo e o intercâmbio democrático de ideias. “O silêncio imposto pelos valores burgueses é sancionado por todos na sala de aula” (HOOKS, 2017, p. 239). Nesse período descobriu que os universitários ditos baderneiros são aqueles dispostos a questionar os

pressupostos e valores acalentados pelas classes privilegiadas e passa a contestar o papel da universidade na partilha do conhecimento:

Se examinarmos criticamente o papel tradicional da universidade na busca da verdade e na partilha do conhecimento e informação, ficará claro, infelizmente, que as parcialidades que sustentam e mantêm a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática da liberdade (HOOKS, 2017, p. 45).

Diante de uma academia moribunda e corrupta, bell hooks (2017) despertou para sentimentos ambivalentes sobre sua presença numa instituição onde o conhecimento era partilhado de modo a reforçar a dominação:

Eu queria me tornar uma pensadora crítica. Mas essa vontade era vista como uma ameaça à autoridade. Os alunos brancos (homens) considerados “excepcionais” frequentemente tinham permissão para traçar por si mesmos o curso de sua jornada intelectual, mas dos outros (e particularmente dos de grupos marginais) só se esperava que se conformassem. Qualquer falta de conformidade da nossa parte era vista com suspeita, como um gesto vazio de desafio ou um trabalho abaixo do padrão. Naquela época, os alunos oriundos de grupos marginais que tinham permissão para entrar em faculdades prestigiadas e predominantemente brancas eram levados a sentir que não estavam lá para aprender, mas para provar que eram iguais aos brancos. Estávamos lá para provar isso mostrando o quanto éramos capazes de nos tornar clones de nossos colegas. À medida que nos deparávamos com os constantes preconceitos, uma corrente oculta de tensão afetava nossa experiência de aprendizado (HOOKS, 2017, p. 14).

bell hooks (2017) questionava os papéis socialmente determinados às mulheres negras. No Sul, na época do *apartheid*, recorda que as mulheres podiam casar-se e trabalhar como empregadas e professoras de escola; mulheres inteligentes eram indesejadas pela sociedade patriarcal. Entretanto, a autora desejava escolher, traçar sua história. Como reação ao tédio, apatia e tensão vivenciados na universidade, engendrava maneiras de construir coletivamente o conhecimento, desafiando a sociedade racista e sexista. Assim:

para hooks, portanto, só é possível pensar o feminismo como um movimento exitoso se ele puder se disseminar de forma capilarizada na sociedade e não apenas concentrado nas universidades e nos institutos de pesquisa. Essa capilaridade pressupõe, então, a promoção de um modelo de educação popular em que a produção da teoria ocorra como prática social que pode ser emancipadora [...] (MARIZ, 2021, p. 69).

Tanto na graduação quanto no ensino médio dessegregado encarou o ceticismo de professores e colegas que achavam uma mulher negra inteligente anormal. Nesses ambientes predominantemente brancos, ao ser objetificada sentiu medo, perdeu autoestima e nutriu uma dúvida sobre sua capacidade de aprender, o que afetou seu desempenho na graduação (HOOKS, 2021). Reconhecidamente uma boa escritora no ambiente educacional segregado, agia com perplexidade no ambiente universitário quando as professoras e os professores questionavam a autoria de seus textos (HOOKS, 2020, 2021). Anos mais tarde, percebeu que a destruição da autoestima se tratava de uma estratégia de consolidação da supremacia branca conforme relembra:

Embora eu não entendesse de forma consciente, logo percebi que minha autoestima estava sendo atacada, que essa é uma das estratégias do dominador para restabelecer a subordinação (HOOKS, 2021, p. 162).

Apesar dos inúmeros golpes desferidos contra a sua autoestima, identifica-se em suas lembranças referentes ao ensino superior, encontros inspiradores. Um destes aconteceu durante o curso de Diane Middlebrook – aclamada autora de uma obra crítica sobre Anne Sexton e Sylvia Plath – que ao ler o texto escrito pela aluna bell hooks no seu curso, reconheceu a força e o poder de sua escrita. Esse reconhecimento suscitou um processo de cura no espírito criativo da aspirante a escritora e educadora (HOOKS, 2020). Recorda, ainda, que na sala de aula feminista na universidade identificou o primeiro espaço com possibilidades de reconhecer as diferenças de classe:

Quando o movimento feminista contemporâneo começou a fazer sentir sua presença na academia, havia não só uma crítica constante da dinâmica convencional das aulas como também a tentativa de criar estratégias pedagógicas alternativas (HOOKS, 2017, p. 239).

Como aluna de graduação frequentou os Estudos da Mulher e testemunhou o esforço das professoras em criar espaços participativos para a partilha de conhecimentos e os descreveu como espaços em que “as professoras estavam dispostas a admitir que existe uma ligação entre as ideias aprendidas no contexto universitário e as aprendidas pela prática da vida” (HOOKS, 2017, p. 27). Assim, os alunos tomavam consciência e se engajavam criticamente:

A intervenção feminista foi surpreendentemente bem-sucedida na mudança do currículo acadêmico. Por exemplo, não foram os estudos negros que levaram ao resgate de escritoras negras antes

desconhecidas, como Zora Neale Hurston. Acadêmicas feministas, e isso inclui mulheres negras, foram as responsáveis por restaurar a herstory, chamando a atenção para a exclusão patriarcal de mulheres e, portanto, criando a consciência que levou a uma inclusão mais ampla (HOOKS, 2021, p. 37).

Nesse sentido, bell hooks enfatiza que a insistência do movimento feminista, ao conformar o pessoal em político, alterou de maneira fundamental as salas de aula. A perspectiva de que a experiência devia ser tão valorizada quando as informações factuais, abriu espaço para as narrativas pessoais nos processos de aprendizagem; as experiências pessoais serviam para ampliar o diálogo sobre as leituras obrigatórias. A sala de aula transformava-se em espaço para o compartilhamento de saberes intrínsecos ou não à academia, espaço de aproximação de saberes formais e saberes de experiência, permitindo a construção coletiva do conhecimento. Entretanto, essa sala de aula democrática e fomentadora de possibilidades recebeu críticas de acordo com a autora:

No pior cenário, em algumas salas de aula, a confissão passou a ser a principal base para debates. Nessas situações, a leitura obrigatória era frequentemente ignorada e os estudantes conversavam entre si sobre suas histórias. Essas eram configurações extremamente raras. No entanto, indivíduos contrários ao uso de experiência pessoal em sala de aula geralmente apresentavam críticas, sugerindo que recorrer à própria experiência durante o aprendizado significaria que a sala de aula havia deixado de ser acadêmica ou que ela não poderia ser mais vista como um âmbito que engajasse os estudantes no trabalho intelectual. Esse simplesmente não é o caso (HOOKS, 2020, p. 97).

Ainda na graduação, descobriu a obra do educador brasileiro Paulo Freire tendo seu primeiro contato com a pedagogia crítica. A sua obra serviu como inspiração, por ser uma educação engajada politicamente com os segmentos sociais oprimidos, bem como por trazer por influência de Frantz Fanon e Amílcar Cabral, a crítica ao processo opressor e excludente da colonização, no qual “o dominante realiza a invasão cultural, impõe a cultura do silêncio e obstaculiza a participação democrática” (OLIVEIRA, 2015, p. 87).

Utilizou seus paradigmas pedagógicos para criticar as limitações das salas de aula feministas e próprio movimento feminista destacando a centralização apenas na questão de gênero e a ignorância sobre a experiência negra. Profundamente engajada no movimento feminista aplicou sua criticidade à obra de Freire, interrogando-o pessoalmente sobre o sexismo presente em sua obra durante uma palestra dele na Universidade de Santa Cruz, onde ela estudava e dava aulas (HOOKS, 2017). Sobre o aprendizado propiciado pela obra e pela presença de Freire, a autora escreveu:

A lição que aprendi vendo Paulo incorporar na prática aquilo que descreve na teoria foi profunda. Entrou em mim, me tocou de um jeito que nenhum escrito poderia tocar e me deu coragem. Não tem sido fácil para mim fazer o trabalho que faço e me situar na academia (ultimamente sinto que se tornou quase impossível), mas a gente se inspira a perseverar vendo o exemplo dos outros. A presença de Freire me inspirou. Não que eu não visse um comportamento sexista da parte dele; mas essas contradições são abraçadas como parte do processo de aprendizado, parte daquilo que a pessoa luta para mudar – e essa luta, muitas vezes leva tempo (HOOKS, 2017, p. 79 – 80).

Paulo Freire virou uma espécie de mentor e foi inspiração durante toda a vida da escritora. A partir de sua pedagogia crítica percebeu que a educação como prática da liberdade, consistia na preparação para a confrontação de sentimento de perda e para restaurar o senso de conexão, tornando a sala de aula um lugar de apoio à vida e a expansão da mente, um lugar de mutualidade libertadora onde professores ou professoras trabalham em sintonia com os estudantes, um trabalho e esforço coletivo para a criação do espírito de comunidade que deve estar sempre presente quando estamos ensinando e aprendendo de verdade (HOOKS, 2021). A construção de comunidade “exige uma consciência vigilante do trabalho que precisamos fazer continuamente para enfraquecer toda socialização que nos leva a ter um comportamento que perpetua a dominação” (HOOKS, 2021, p. 80). O ato responsivo de Freire ao legitimar às críticas feministas e a abertura ao diálogo inaugurou na autora, ainda, a noção de que a educação para à prática da liberdade permitiria aos educandos e educadores acolher um universo de conhecimento que está sempre sujeito à mudança e ao questionamento (HOOKS, 2021).

Assim, foi como universitária que a autora aprendeu sobre o tipo de professora que não desejava ser. Pretendia romper com a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual foi encorajada a crer como universal. Estudando com professores racistas e machistas, que utilizavam o poder autoritário para humilhar e desumanizar os estudantes e se inspirando nos poucos professores progressistas que a educavam para a liberdade, ansiava cada vez mais por uma pedagogia que ajudasse os estudantes a se tornarem aprendizes autônomos, críticos e antirracistas. Sobre as mudanças ocorridas no ensino universitário neste período, a autora relembra:

Enquanto as salas de aula tradicionais e dominadoras continuavam a ser lugares onde estudantes apenas recebiam material para aprender por repetição e então regurgitar, estudantes em salas de aulas progressistas aprendiam a pensar de forma crítica. Aprendiam a abrir a mente. E, quanto mais expandiam a consciência crítica, menos estavam suscetíveis a apoiar ideologias de dominação. Professores progressistas não precisavam doutrinar estudantes nem ensinar que

deveriam se opor à dominação. Alunos e alunas chegavam a essa conclusão por meio da própria capacidade de pensar criticamente e de acessar o mundo em que viviam. Ao discutir assuntos como imperialismo, raça, gênero, classe e sexualidade, educadores progressistas aumentam a consciência de todos sobre a importância dessas questões (mesmo para indivíduos que não concordavam com nossa perspectiva) (HOOKS, 2021, p. 42).

O seu pensamento crítico e seu engajamento durante a graduação, possibilitou o aprendizado de ideias libertadoras em um contexto criado para manutenção e aceitação da dominação. Reconheceu que o ambiente acadêmico consistia num dos poucos lugares nos EUA em que a possibilidade de atravessar as fronteiras da raça, atraía pessoas para o aprendizado mútuo e para a criação de parcerias:

Nesse mundo educacional segregado, aprendi a acreditar que a contribuição mais vital que um educador pode dar é criar um contexto para a verdade e a justiça na sala de aula. Esses professores progressistas queriam ver o fim da segregação. Queriam que a educação como prática da liberdade fosse a norma em qualquer sala de aula, que todas elas se tornassem lugares onde pudéssemos aprender. É essa visão revolucionária da educação que devemos acolher conforme nos distanciamos da segregação, para reivindicar o poder da integração antirracista (HOOKS, 2021, p. 141).

Nota-se a defesa de uma perspectiva de ensino inclusiva, com uma consciência da raça, do sexo e da classe social nas suas lembranças sobre sua graduação. Das experiências iniciais no ambiente escolar segregado, passando pelo ensino médio dessegregado até a conclusão de sua graduação, as memórias partilhadas pela autora anunciam implicitamente, a possibilidade de uma educação como prática da liberdade, engajada e feminista.

Considerações Finais

Em sua trilogia sobre educação, bell hooks rememora as transgressões que impulsionaram a construção de sua prática educativa libertadora. Ao revisitar a dor, a humilhação e a violência vivenciadas durante sua vida escolar e acadêmica à época do fim do *apartheid* e início da integração racial nos EUA, mergulha em um processo de ressignificação e de cura. Neste processo transformador, a autora encontra a esperança necessária para confrontar práticas pedagógicas desumanizadoras num sistema educacional instituído para reforçar os sistemas de dominação (racismo, sexismo, exploração de classe, imperialismo).

A memória da autora é um terreno fértil para unir teoria e prática e assim conformar uma pedagogia engajada cujo cerne aponta para um relacionamento mútuo entre docentes

e educandos que alimenta o crescimento de ambas as partes, criando uma atmosfera de confiança e compromisso a partir do diálogo crítico e do compartilhamento de experiências de vida e visões mundo.

O legado das professoras que a educaram no espaço escolar segregado, despertou na autora a necessidade de construir uma sala de aula democrática, onde todos exploram juntos a prática do saber e se empenham na construção de uma comunidade onde se fortalece o bem comum. O fato de garantir espaço para as experiências pessoais em sala de aula, compreendendo-as como um recurso facilitador da compreensão do material acadêmico, enraíza a necessidade da integração teoria e práxis no ato pedagógico.

No espaço segregado compreendeu que a educação como prática de liberdade transforma a escola num local de questionamentos, de compartilhamento de saberes, de engajamento político e de cidadania. Inaugurou a experiência de uma educação para a consciência e engajamento críticos onde o conhecimento consiste num trabalho coletivo, fundamentado na práxis – ação e reflexão – que liberta mentes e corpos assujeitados.

Empreendeu esforços para ressignificar a experiência dolorosa das salas de aula integradas racialmente, onde se praticava a educação para a dominação, criticando os rituais de controle, o racismo, o sexismo e o exercício injusto de poder. Seu engajamento crítico na universidade e no movimento feminista, permitiu acolher a oportunidade de alterar as práticas de sala de aula, de tal modo que o ideal democrático da educação para todos pudesse se realizar. Alterou os ambientes burgueses onde se inseriu e a partir de seu ativismo feminista, demonstrou que a ação pedagógica é também política. Por fim, nos deixa a lição de que a educação como prática da liberdade é um projeto coletivo, pois como advertem Soares e Costa (2019) todas as lutas nos atravessam e são compartilhadas no campo educacional crítico e libertador.

Referências

COSTA, Mônica Ferreira. Resenha da obra: Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, de bell hooks. **Revista eletrônica pesquiseduca**. [S. l.], v. 13, n. 31, p. 949–957, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1182>. Acesso em: 16 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 5ª ED. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020, 144p.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 71ª ED. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019, 256 p.

_____. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016, 167p.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021, 300 p.

_____. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020, 288 p.

_____. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática da liberdade. 2ed. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes, 2017, 283 p.

MARIZ, Silvana Fernandes. Paulo Freire, bell hooks e a construção de uma pedagogia feminista crítica. **Revista Olhares**. v. 9, n. 3. Guarulhos, novembro de 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/12541>. Acesso em: 29 mai. 2022.

OLIVEIRA, Ana Paula Cecato de; SILVA, Bibiana Cardoso da; SANTOS, Bruna Dahm dos; CORSINO, Luciano Nascimento; SILVA, Taise Tatiana Quadros da. Ensinando-nos a transgredir: reflexões sobre o percurso de construção de uma comunidade pedagógica. IN: SILVA, Ana Carolina Martins da; WENCZENOVICZ, Thaís Janaína (Orgs). **Direitos humanos, educação e políticas públicas**. Joaçaba: Editora Unoesc, 2021. 236 p.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire**: gênese da educação intercultural no Brasil. Curitiba: CRV, 2015.

SOARES, Maria Helena Silva; COSTA, Roberta Liana Damasceno. Sobre a educação como prática de liberdade: Lições e diálogos entre Paulo Freire e Bell Hooks. **Kalagatos**. [S. l.], v. 16, n. 2, p. 129–145, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v16i2.6592. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6592>. Acesso em: 16 jun. 2022.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Ivanilde Apoluceno de Oliveira, Teresa Christina da Cruz Bezerra, Thaís Tavares Nogueira*.

Submetido em 12/12/2022

Aprovado em 31/08/2023

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)